

EDITORIAL**TUDO PROFISSIONAL DE SAÚDE É TAMBÉM UM EDUCADOR?**Prof.^a. Dr.^a. Annecy Tojeiro GIORDANI*

A função de educar integra o processo de trabalho em Saúde, permeado por ações desenvolvidas dentro e fora dos Serviços de Saúde pela grande maioria dos profissionais da área. Então, a resposta é sim! Seja enfocando medidas preventivas ou curativas à obtenção da saúde e/ou o enfrentamento das doenças, seja implementando estratégias de promoção da saúde para a construção social da saúde e do bem-estar, a Educação em Saúde é uma prática que envolve inúmeras ações num trabalho interdisciplinar, complementar e cooperativo.

Portanto, para sua realização, não há um protagonista, mas vários trabalhando numa relação horizontalizada de poder, para a conquista da autonomia e do autocuidado dos educandos (indivíduo, família e comunidade, também nomeados por paciente, cliente, usuário), ou seja, para o pleno exercício da cidadania! Porém para tanto, todo e qualquer movimento nesse sentido, não se resume na transmissão de conteúdos/informações por médicos, enfermeiros, nutricionistas, farmacêuticos e outros profissionais da Saúde aos seus “pacientes”, criaturas passivas, sem visão e opinião. Muito pelo contrário! A efetiva Educação em Saúde traduz-se pela adoção de práticas educativas com vistas a autonomia e ao autocuidado e, por conseguinte, à melhoria da qualidade de vida das populações constituídas por uma diversidade de demandas e seres pensantes com vivências que não devem ser desconsideradas. Por isso mesmo, vale ressaltar que nos tempos atuais, é no mínimo incoerente, o desenvolvimento de práticas de Educação em Saúde que adotem a pedagogia do ensino bancário, no qual o educador detém o conhecimento como uma verdade absoluta e o deposita em seus educandos, acreditando ainda, estar contribuindo para futuras “mudanças de comportamento” que tornem melhor a vida das pessoas. Tomar posse do “paciente” e ditar regras não funciona!

Na verdade, isso não é educar, é bloquear a consciência crítica das pessoas que em algum momento da vida precisam dos Serviços de Saúde e, quase sempre são destituídas do direito de pensar e de questionar sobre o que os profissionais da área lhes impõem como sendo o ideal, o melhor para si. Isso, acontece todos os dias, com uma naturalidade e uma frequência

* Professora Associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Curso de Graduação em Enfermagem, Bandeirantes – Paraná – Brasil. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN-UENP), Mestrado Profissional em Ensino (MPE), Cornélio Procopio – Paraná – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5655-609X>

impressionantes! Entretanto, a efetiva Educação em Saúde enquanto prática educativa, não contempla equívocos desta natureza, embora a visão tradicionalista ainda predomine, e dentre outros enganos, atribua somente ao indivíduo a responsabilidade integral por suas condições de saúde e de doença, ignorando as combinações de inúmeros fatores externos envolvidos neste processo. Cabe-nos então (profissionais da Saúde), compreender e trabalhar uma Educação em Saúde mais construtivista, participativa, a partir do entendimento de que na Saúde, educadores e educandos devem ser protagonistas do processo ensino-aprendizagem numa relação menos verticalizada e menos impositiva.

Por conseguinte, planos de ação exequíveis podem ser construídos e implementados em parceria, com vistas inclusive, ao desenvolvimento de uma conscientização crítica quanto aos aspectos da realidade individual e coletiva, estimulando os educandos a pensarem, identificarem e lidarem com situações que afetam seu bem-estar. Claro que as ações em Saúde precisam ser propostas levando-se em conta os conhecimentos científicos de uma equipe de saúde para atendimento das demandas apresentadas nos Serviços! Mas, repensar e estimular as pessoas a participarem de atividades de Educação em Saúde é, primeiramente, enxergá-las, respeitá-las e, por tabela, conhecer aos fatores que integram o processo saúde-doença em seus contextos, valorizando experiências de vida. Isso, sem dúvida, é fazer diferente! É considerar o outro uma extensão humana de si mesmo ao compartilhar conhecimentos científicos em linguagem acessível para educar, para refletir e propor mudanças de hábitos, considerando todas as possibilidades.

Por fim, é preciso estabelecer diálogo em via de mão dupla, à construção e adesão de práticas preventivas e de promoção da saúde a partir de um trabalho cooperativo e em equipe. O diálogo também nos ajuda a trabalhar novas ideias e propostas, a respeitar a formação profissional e as contribuições de cada colega! Como educadores, vale a pena repensar, ajustar o foco e rever nossas abordagens e metodologias quando se trata de Educação em Saúde!